



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Quadrilha Junina Cafundó do Brejo: cultura, identidade e solidariedade¹

Verônica Dantas MENESES²
Tatyane Cardoso da SILVA³
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O artigo relata a história do grupo de quadrilha junina de Palmas Cafundó do Brejo à luz dos estudos folkcomunicacionais, enfocando as histórias de seus componentes, a sua inserção social e sua contribuição para a sedimentação da identidade cultural junina no Tocantins. A partir das pesquisas documental e etnográfica identificamos que a história do grupo agrega elementos de identidade individual, coletiva e do lugar, reelabora novos ativismos dos agentes folkcomunicacionais e, assim, representam um papel como organização social, cultural e identitária.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Identidade Cultural; Quadrilha Junina; Cafundó do Brejo.

Introdução

Palmas, capital mais nova do Brasil, com seus 29 anos de história, a última planejada do século XX, carrega em sua trajetória mudanças vertiginosas, econômicas, populacionais, culturais e surge já inserida em um contexto midiático que acumula inúmeros manchetes, folders, panfletos, cartões-postais, slogans... tudo para projetar a cidade e seus construtores (SILVA, 2010). Neste contexto surge o movimento junino, que atualmente tem tido destaque nacional e internacional como símbolo de sua identidade a partir das competições de quadrilhas juninas. Neste artigo, abordaremos um pouco deste movimento a partir da história do grupo de quadrilha junina Cafundó do Brejo, fundado em 1993, mesmo ano em que foi realizado o 1º Arraiá da Capital, a principal festa do período junino em Palmas, quatro anos após a fundação da capital planejada.

Nos últimos 20 anos, as juninas⁴ de Palmas ganharam notoriedade no cenário nacional, participando de grandes competições e exposições também no exterior. Em 2010 a quadrilha

¹ Trabalho apresentado no **GT 2: Expressões da Folkcomunicação na cultura popular** da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutora em Comunicação pela UnB. Docente dos cursos de Jornalismo e Mestrado em Comunicação e Sociedade da UFT. E-mail: veronica@uft.edu.br.

³ Graduada em Jornalismo pela UFT. E-mail: tatyaneardosil@gmail.com.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Cafundó do Brejo foi vice-campeã no Festival Nacional de Quadrilhas Juninas, realizado no Acre. Em 2013 a Caipiras do Borocoxó ganhou o concurso de melhor quadrilha junina em competição nacional realizada em Palmas. Algumas das quadrilhas de Palmas também participam de apresentações e premiações em vários outros eventos de festas juninas, como no Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas, e na Mostra Nacional de Quadrilhas Juninas, realizada no Encontro Nacional de Folguedos, no Piauí. Em 2013, a quadrilha Cafundó do Brejo representou o Tocantins em Bogotá, Colômbia, no evento “*Goal To Brasil – Encontros Brasileiros*”. Em 2014 foi a vez da Quadrilha Caipiras do Borocoxó mostrar a sua identidade, participando no mesmo evento, desta vez na Argentina.

Criado em 20 de maio de 1993 pelos jovens do grupo JUPTE, da Paróquia São Francisco de Assis, no Bairro Aurenny II, região Sul de Palmas, a trajetória da Cafundó do Brejo envolve alegrias e desafios e componente da configuração da cultura de Palmas que evidencia o processo de ressignificação da cultura junina na região, mas também evidencia a própria identidade pessoal, de grupo e de lugar. Por isso a ênfase nas pessoas que se dedicam a representá-la, como aponta Meneses e Ribeiro (2015, p.132), ao destacar que cada quadrilheiro leva em si a grande responsabilidade de ser o espelho da quadrilha e de Palmas dentro e fora do espetáculo. Nesse sentido, as quadrilhas têm se tornado uma grande referência na formação desta identidade de Palmas e do Tocantins, cultura esta que está em processo de construção.

As técnicas de pesquisa seguiram a orientação etnográfica, a partir da observação não-participante, realizada na apresentação da Cafundó do Brejo no Arraiá da Capital, no dia 23 de julho de 2017, na qual a junina apresentou o tema *95 anos do rádio*, e entrevistas com alguns componentes e pesquisas documentais na internet e em arquivo pessoal do fundador e então presidente da Quadrilha, Cláudio Maranhão.

As entrevistas padronizadas e não-padronizadas foram realizadas, pessoalmente, por e-mail ou telefone, com 16 integrantes do grupo de quadrilha junina Cafundó do Brejo com o objetivo de trazer fontes ligadas diretamente a Cafundó do Brejo, pois eles tecem a história da junina e constroem, por meio dela, a sua própria história. Também conversamos com pessoas que atuam no auxílio da criação da coreografia, que fazem os figurinos, cuidam da organização nas apresentações, dançarinos que atuam no papel de rei, rainha, noiva, noivo e

⁴ Redução de Quadrilha Junina, como é falado na região.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

demais que de alguma forma contribuem para a manutenção do grupo desempenhando diferentes papéis antes e durante as apresentações, ou seja, e acordo com Beltrão estes atores são agentes folkcomunicacionais, ou, conforme Trigueiro, ativistas midiáticos que levam a cultura popular para o âmbito da mídia (BELTRÃO, 2004; TRIGUEIRO, 2008).

Este trabalho buscou compartilhar a experiência estética a partir da performance da quadrilha junina *Cafundó do Brejo*, mas também entender os processos de comunicação, sociabilidade e pertencimento que envolvem este coletivo que dá vida a espetáculos cada vez mais aplaudidos. Buscamos destacar, sobretudo, as pessoas que se entregam a um ideal coletivo, e fazem-se brilhar como sujeitos, como comunidade e como identidade, como a Cafundó contribuiu para a visibilidade da cultura junina do Tocantins, mais ainda, contribuiu para reinterpretações da própria identidade de Palmas e deste antigo Norte Goiano.

Quadrilhas Juninas

A Cultura pode ser algo com o que se nasce, pode ser passada de pai para filho, pode ser algo de que se aprende a gostar, que transforma a vida, se torna coletivo e vira tradição. Nestes termos, tradição torna-se um construto tão dinâmico e ao mesmo tempo tão enraizado como a própria vida cotidiana, e constitui-se como processo intercambiante inerente ao próprio desenvolvimento da sociedade.

Como refletiu Barreto tão adequadamente, a cultura se origina pela busca contínua de identidade expressa por meio de símbolos e a ela se agregam sobrevivências da memória coletiva, valores vigentes e a adesão dos sujeitos, que, no Brasil, tem a marca da contradição:

O Brasil, 500 anos depois, busca a identidade de sua cultura, procurando os emblemas e os símbolos para a decodificação dos repertórios e das sobrevivências tradicionais, orais, gestuais, que formam a grande memória do povo brasileiro, expressas em experiências variadas de criação, recriação, ou uso repetitivo, como próprios das vivências memoriais. A cultura, portanto, é um complexo de experiências, agregado de tudo aquilo que os sentidos desperta nas pessoas, e dos valores vigentes, pela adesão dos conviventes. A cultura brasileira tem, em sua origem, essa contradição, de florescer entre povos dominados, colonos, mestiços, religiosos, estrangeiros de outras partes, atraídos pela aventura da riqueza fácil (BARRETO, 2005, p. 23).

De origem pagã para celebrar a abundância e a fertilidade por ocasião do solstício de verão, as festas juninas são incorporadas ao cristianismo no século VI. Benjamim (apud LUCENA, 2012, p. 38) aponta que a Igreja católica situou a Festa em homenagem ao São



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

João nas proximidades da mudança de estação para absorver os rituais agrários pagãos. Já as quadrilhas foram inseridas no Brasil trazidas pelos colonizadores portugueses a partir das danças de salão europeias de origem aristocrática e se constituem como a comemoração do casamento matuto. Inserida na dinâmica da cultura popular, passou por “criações e recriações estabelecendo certa tradição como forma de preservar as origens, embora contaminada pela modernização pelo poder da mídia” (LUCENA, 2012, p. 58).

Por meio do Arraiá da Capital, a festa junina em Palmas se constitui festa pública institucionalizada, na tipologia apresentada por Benjamim (2004), pois fomentou, junto com o cenário consolidado das competições no Brasil, a evolução das quadrilhas profissionais e sua projeção no cenário nacional e internacional. Até então as quadrilhas se apresentavam de forma privada com o envolvimento apenas de suas comunidades.

Com o grande desenvolvimento do movimento junino surge a espetacularização das culturas populares ou dos produtos culturais folkmediáticos gerados pela intervenção de vários setores nesses movimentos, assim, por um lado se vê “os processos de apropriação e incorporação das manifestações culturais populares pela mídia”, e por outro “como os protagonistas das culturas populares se apropriam das novas tecnologias para reinventarem os seus produtos culturais” (TRIGUEIRO, 2005, p. 2).

A quadrilha tradicional dá espaço aos grandes espetáculos realizados com apoio de órgãos municipais, embora aquela ainda tenha seu lugar especialmente voltado às relações comunitárias de pertencimento cultural (JARDIM et. al, 2016). A organização das juninas se modifica, dando espaço a espetáculos mais profissionais, com figurinos modernos, adereços, músicas próprias executadas ao vivo e outros elementos que engrandecem as apresentações. Tal fato não significa que as quadrilhas deixaram de representar a cultura popular, elas se ressignificam.

O Arraiá da Capital, portanto, ao mesmo tempo fortaleceu e trouxe mais visibilidade a estes grupos e já se tornou evento aguardado no calendário de festas populares do Estado, tornando-se relevante para a promoção da cultura local. Há um elemento contraditório, mas ao mesmo tempo complementar neste aspecto.

É como se existissem duas festas, uma dentro da outra, ou seja, a festa central institucionalizada, de interesse econômico dos megagrupos empresariais, políticos e até religiosos, e a outra periférica, que continua sendo organizada através da mobilização da comunidade, pelas fortes redes sociais de comunicação, com a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

finalidade alegórica de rompimento com o cotidiano e com o mundo normativo estabelecido (TRIGUEIRO, 2005, p. 5).

A apropriação dessas manifestações seja pelo poder público ou pela mídia, com os veículos de comunicação que dão mais significado para os espetáculos e pouca voz aos quadrilheiros, descaracteriza parte da expressão de cultura popular do movimento junino. Dessa forma, é importante destacar que os quadrilheiros também se adéquam para atender a nova ordem sem perder a sua essência, pois o movimento junino é formado por outras coisas que não são visíveis na espetacularização das culturas populares, mas que são enraizadas nesses movimentos e são responsáveis pela sua existência, como o sentimento de pertença do quadrilheiro ao rupo e à comunidade (JARDIM; TAMIOSO; ANJOS, 2017, p.7).

Meneses e Ribeiro (2015, p. 132) também destacam o outro lado do movimento junino que vai além da espetacularização

A inclusão da lógica do mercado e do consumo também é realidade nas quadrilhas em Palmas, que buscam alternativas de sustentabilidade as quais criam um contexto ressignificado, mas não menos significativo, das quadrilhas como mediadora social e cultural. Nesses termos, o espetáculo funciona como elemento intensificador das paixões mobilizadas por meio da participação nos grupos e como elemento dinamizador das relações internas dentro destes grupos, como o compromisso com a realidade local e a importância da imagem dos agentes folk.

Os agentes folk podem ser percebidos nas juninas com a observação de personagens solidificados pelas quadrilhas, como as pessoas que representam o marcador, a rainha, o noivo entre outros, eles desempenham vários papéis que destacam debates referentes a importantes questões sociais. Neste cenário, essas personagens são vistas como agentes folkcomunicacionais, indivíduos que surgem naturalmente dentro do grupo, que com seu carisma atraem o respeito e a admiração do grupo. Eles também se sobressaem junto ao espetáculo e a mídia, sendo representantes da cultura popular e da própria identidade de Palmas (MENESES; RIBEIRO, 2015).

Podemos nomear estas personagens como agentes performáticos, uma vez que estes atores, essenciais dentro do processo folkcomunicativo, representam o anseio e a voz dos grupos que, tradicionalmente, representam. De acordo com Meneses (apud JARDIM et al., 2016) rainha, casal de noivos, reis, imperadores, cavaleiros e outros personagens encontrados nas performances de folguedos e manifestações da cultura popular tratam-se cada vez mais de



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

uma categoria ligada à performance e à imagem que estas personagens transmitem no enredo da representação.

O profissionalismo da Junina

A valorização da cultura junina trouxe como consequência a organização formal dos grupos e mais incentivos, especialmente pelo poder público, nos eventos de competições, fomentando o comércio e o turismo locais. Neste contexto, foi criada a Fequajuto (Federação das quadrilhas Juninas do Tocantins), representante e reguladora das competições no Estado.

Meneses e Ribeiro (2015) destacam que as ações das instituições públicas evidenciam o reconhecimento desta manifestação como cultura local e o desejo de fortalecê-la com o apoio a eventos e a liberação de recursos para premiações. Essas ações trazem visibilidade para as juninas dentro e fora do estado. Esta trajetória autentica as quadrilhas juninas como uma forte representante na construção de uma identidade cultural palmense e tocantinense.

Especificamente sobre a Cafundó do Brejo encontramos uma história marcada por processos de desenvolvimento pessoais, culturais e sociais, cercados de desafios, aprendizados, perdas, conquistas e amadurecimento. Mas também são histórias que se estendem para a cidade de Palmas e para o próprio Estado do Tocantins, pois a quadrilha cresce junto com o próprio movimento junino.

Surgida em um bairro periférico de Palmas, a junina traz em seu nome a marca do lugar de onde veio.

O nome é Cafundó do Brejo porque a igreja ficava bem longe da TO [Rodovia TO que dá acesso a Palmas]. Quando perguntavam sobre a localização da igreja as pessoas falavam que ficava lá para os cafundós, pois era bem longe das ruas principais. E atrás da igreja havia um brejo e foi daí que surgiu o nome Cafundó do Brejo se relacionando a um contexto histórico e a localização (CLÁUDIO MARANHÃO. Entrevista concedida em 2018).

A Cafundó surgiu neste cenário e esteve presente no primeiro Arraiá da Capital com aproximadamente 24 casais que ganharam todos os prêmios no primeiro “Arraiá” e se firmaram como um dos grupos mais perenes do movimento junino em Palmas.

Foi no Colégio Tiago Barbosa que Alessandra Reis, uma das primeiras integrantes do grupo, conheceu a Cafundó. Ela já dançava quadrilha desde seus 11 anos na sua cidade natal, Pedreiras, no Maranhão, e continuou dançando quando se mudou para Palmas, assim, dando continuidade em outro lugar à uma tradição nordestina.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Das apresentações mais tradicionais, com vestidos de chita, a Cafundó foi desenvolvendo mais técnicas de figurino, teatro e dança a fim de acompanhar o ritmo das quadrilhas já consagradas no cenário nacional, ao passo que desenvolveu seu próprio estilo. Em 2006, Cláudio Maranhão foi até João Pessoa, na Paraíba, onde passou uma semana vendo ensaios, figurinos e inovações das juninas do local que serviram de inspiração para as apresentações da Cafundó. O esforço levou a quadrilha a desde o segundo ano de apresentação conquistar títulos estaduais: 2º lugar geral e 1º lugar para rainha no Arraiá de 1994; primeiro lugar em 1995, desta vez com figurino padronizado, vice-campeã em 1997, já com uma apresentação que ganhou mais elementos na coreografia, como as denominadas temáticas e homenagens.; campeã do Arraiá da capital em 2012, entre outros.

O primeiro destaque nacional da Cafundó aconteceu em 2010, com sua participação no circuito nacional de festas juninas quando a quadrilha apresentou um tema que reconfigurou o tradicional casamento caipira. A história apresentava *O casamento do espantalho com a filha do coronel*, e com um espetáculo de efeitos, figurino e cenário a Cafundó conquistou os títulos de Campeã Municipal e Estadual e foi vice-campeã do Festival Nacional de Quadrilhas Juninas. Além disso, a junina também ficou em primeiro lugar na modalidade “casal de noivos”, com Rômulo Brasileiro e Daniela Santos, esta que em 2002 viu pela primeira vez uma apresentação da Cafundó e logo integrou a equipe. Rômulo conheceu a Cafundó em 2006 e logo planejou seu futuro:

Em 2006, eu assisti pela primeira vez a apresentação da Cafundó do Brejo, o tema era Luiz Gonzaga e foi uma das coisas mais lindas que eu já tinha visto na minha vida! Eu estava com a minha mãe, virei para ela e falei: mãe um dia eu vou dançar nessa quadrilha e um dia eu quero ser noivo dessa quadrilha (RÔMULO BRASILEIRO. Entrevista concedida em 2017).

Mas logo os integrantes perceberam que é o público que dá a grande premiação vibrando com a dramatização, o cenário e figurinos do espetáculo e as performances dos dançarinos. Juliano Gomes, que desenvolveu *O Casamento do espantalho*, informou que a equipe usou metal e garrafas *PET* na confecção do espantalho. Em certo momento, “o noivo saía de dentro do espantalho, o rasgava acompanhado de todo um aparato de iluminação e fumaça que criava uma sensação de algo mágico” (JULIANO GOMES. Entrevista concedida aos autores em 2017).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Figura 1. Momento em que “o espantalho ganha vida” na apresentação do casamento do espantalho com a filha do coronel



Fonte: Arquivo pessoal/Cláudio Maranhão.

Em 2015 a Cafundó também levou para casa o título de melhor casal de noivos juninos do Brasil. Rômulo Brasileiro desta vez conduziu a noiva Luana Micaele. Ao contrário de Rômulo e Daniela, Luana nasceu na Cafundó e integrou a quadrilha em 2006. Em 2011 foi rainha e se consagrou a 3ª melhor do Estado e a 4ª melhor do Concurso de Quadrilhas de Palmas. “Eu nasci dentro da Cafundó, meu pai é o presidente e sempre me levou para todos os arraiás. Ele é animador também, e sempre estava com uma mão segurando o microfone e a outra segurando a minha mão” (LUANA MICAELLE. Entrevista concedida em 2017).

Além da viagem para divulgar o Brasil na Colômbia, o Rodeio de Barretos é outro destaque da quadrilha. Em 2014 a Cafundó trabalhou o tema *Barretos, A Festa do Peão de Boiadeiros*. O grupo encaminhou para a organização da festa um vídeo com um ensaio da apresentação, e logo recebeu o convite da equipe do Rodeio para, naquele mesmo ano, apresentar o tema em Barretos. A partir daí, a Cafundó do Brejo passou a integrar a Festa do Peão nos anos seguintes e sua apresentação se tornou um evento aguardado, conforme se verifica na nota divulgada no site oficial do evento:

Em 2016 o Culturando receberá mais de 80 atrações, de 45 cidades e seis estados brasileiros: além de São Paulo, virão artistas do Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e Tocantins, que nos traz, por mais um ano, um dos maiores



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

destaques do evento: a Quadrilha Cafundó do Brejo, que emociona com belas narrativas recheadas de danças, drama e impecável caracterização dos artistas⁵.

O profissionalismo na quadrilha contagiou todos os setores e ajudou ainda mais a destacar a identidade da Junina de Palmas, a começar pela ideia do tema, que pode ser proposta por qualquer integrante do grupo. Depois da apresentação dos temas são escolhidos cinco deles, que irão para a votação. O tema é mantido em sigilo até seu lançamento, ao final do ano, junto com uma festa para arrecadar recursos. Somente algumas pessoas da diretoria sabem, pois precisam compor uma música e uma apresentação para o dia.

A partir do tema começa-se a montagem da coreografia e da parte cênica, cada vez mais inserindo profissionalismo: maquiagens artísticas, aulas de balé e outros ritmos para os dançarinos etc. Logo, seguem-se os ensaios, em geral desde o final do mês de janeiro, e são intensificados a partir de maio. Mesmo depois que as apresentações começam a Cafundó sempre realiza alguns ensaios com objetivo de corrigir eventuais problemas. De acordo com Edson Sousa, um dos coordenadores da diretoria de coreografia, exige-se dos quadrilheiros muito compromisso e responsabilidade.

São períodos cansativos, perde-se muito o sono, mas no final sempre vale a pena, porque não tem sensação mais maravilhosa do que o público aplaudir e gostar do seu trabalho (DANIELA SANTOS. Entrevista concedida em 2017).

Maria Deuzelina, conhecida como Deusa Costureira, foi quem costurou o figurino da Cafundó em 2015 e 2016, a partir das ideias do grupo criadas em relação ao tema do ano mas também de suas próprias. Dona Deusa não deixa de mostrar o orgulho e amor pelo trabalho que realiza junto à quadrilha:

O Cláudio me convidou uma vez para assistir a apresentação da Cafundó. Eu cheguei a chorar de tanta emoção quando eu vi aquele figurino e parei para pensar que fui eu que fiz, foi uma emoção enorme, foi uma felicidade e tanto de eu ver todo aquele pessoal dançando usando a roupa que eu costurei (Deusa Costureira. Entrevista concedida em 2018).

Outra marca do profissionalismo na Cafundó é a criação das próprias músicas. Começou em 2003, quando o grupo editava várias canções e as transformava em ritmo junino. Mais adiante começaram a ser compostas canções com letras e músicas inéditas,

⁵Disponível em: <http://www.independentes.com.br/festadopeao/noticia/874/palco-culturando-celebra-9-ano-na-festa-do-peao-de-barretos>. Acesso em: abr.2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

especificamente para as apresentações da Cafundó. Foi em 2012 que a junina fez a primeira composição de uma música específica para a apresentação da rainha. As composições são produzidas pelo diretor musical que recebe ajuda de outros membros ou de um cantor e compositor profissional, e são executadas por músicos ao vivo. Vinícius Ribeiro, conhecido como Viny Ribeiro, é um dos artistas que já compôs para a Cafundó do Brejo. A sua primeira composição, em parceria com Juliano Gomes, foi em 2008, *Festa do Divino*, música inspirada no tema daquele ano, a cultura do Tocantins.

No dia do espetáculo a preparação começa logo cedo e todo mundo se ajuda na hora de se organizar para a apresentação, que para cada participante tem um significado de realização pessoal:

Quando estou entrando em qualquer apresentação e olho aquele tanto de gente arrumado, gritando e animando, nossa! Me passa um filme na cabeça e eu falo pra mim mesmo: Brenno, você não pode viver sem isso (BRENNO MAILON. Entrevista concedida em 2018).

E cada apresentação tem certa magia. Em muitas delas, o público se empolga mais, dependendo do imaginário resgatado pelo tema ou dos efeitos teatrais e visuais criados pelo grupo, como ocorreu com a apresentação em homenagem à zabumba, em 2001, ou na homenagem a Ayrton Senna, em 2004.

Por fim, o profissionalismo se estende ao marketing, pois é preciso divulgar a imagem da quadrilha, conseguir apoio e atrair público para os eventos. As montagens fotográficas são importantes neste quesito, utilizadas especialmente para a divulgação em redes sociais. As imagens geralmente mostram detalhes do espetáculo, a beleza do figurino e a alegria dos participantes ao dançar; as imagens podem vir também acompanhadas de texto que valorizam e destacam o diferencial da Cafundó.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Figura 2: Divulgação da cafundó com frases de impacto



Fonte: Reprodução da Internet.

A divulgação também pode ser feita por meio de material impresso, como aconteceu quando a Cafundó completou 15 anos de trajetória e fez uma homenagem ao Tocantins. Foi produzido um folder que continham informações sobre o surgimento da Cafundó e sobre o espetáculo, destacando as músicas, assuntos abordados e a relevância de se tematizar o próprio Estado.

Cafundó do Brejo: identidade e solidariedade

As quadrilhas juninas de Palmas como tantas outras tem o nordeste como fonte de inspiração para os seus espetáculos. Meneses e Ribeiro falam sobre a força representativa do Nordeste como berço das quadrilhas, influenciando no panorama das juninas do Tocantins e de Palmas, além disso, as manifestações culturais nordestinas são constantemente a inspiração para se criar e recriar as próprias manifestações no Tocantins.

Um exemplo referente a isso são os ícones da cultura nordestina que são homenageados pela Cafundó do Brejo, caso ocorrido em 2006 quando o grupo fez uma homenagem a Luís Gonzaga, lembrando sua história e suas músicas, e em 2012 quando a junina trouxe a história do Cangaço, destacando os personagens Lampião e Maria Bonita.

O tema campeão do Arraiá da Capital de 2012 trouxe um espetáculo que trabalhou personagens da história e cultura do nordeste, intitulado “*Cangaço Versos Volante: de qual lado você está?*”. Devido à sua extensão e variedades de histórias e expressões, o tema se



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

transformou em trilogia, em que cada espetáculo conta uma parte da história, apresentada em 2012, 2015 e 2018, ano em que a Cafundó completa 25 anos de trajetória.

Contudo, a tradição nordestina se reelabora de acordo com a cultura local e “cada participante, de acordo com suas vivências, acrescenta, retira, enfim, modifica e ressignifica a manifestação cultural” (Jardim, Tamioso e Anjos (2017)). Os anos de 2007 e 2008 são um bom exemplo de ressignificação da cultura quando a Cafundó trabalhou o tema cultura tocantinense com apresentações modernas inspiradas nas quadrilhas Nordestinas mas com temas e motivos tocantinenses, destacando os costumes, superstições, símbolos, crenças, cantos, festas, indumentária, lendas e artes do povo deste Estado. Em 2008 o espetáculo trazia um figurino cujas principais cores eram o amarelo, o branco e o azul da bandeira do Tocantins e nos vestidos alguns detalhes com peças de capim dourado, artesanato produzido no estado. O espetáculo apresentou várias personagens e manifestações presentes no Tocantins, como os Catireiros, a Folia do Divino Espírito Santo, as Cavalhadas, a Romaria do Senhor do Bonfim, as Quebradeiras de Côco entre outros.

As canções foram todas inspiradas no Estado. Genésio Tocantins, músico regional, compôs a música *São João nos Cafundó do Brejo* especialmente para esta apresentação. Outras canções regionais foram adaptadas para o ritmo junino e fizeram parte do espetáculo como *Passarim do Jalapão*, de Dorivan, *Dódói*, de Juraildes da Cruz, *Frutos da Terra*, música composta por Genésio Tocantins e Hamilton Carneiro, e *Quimeratins*, de D’Cezário.

Em 2013 a Cafundó completou 20 anos de história e fez um espetáculo apresentando a sua própria trajetória para o público com o tema *Cafundó, minha vida, meu xodó*. Assim, a identidade da Cafundó e sua importância e representação para cada integrante e para a comunidade onde nasceu marca seu pertencimento cultural. Foi em 2002 que Fernanda Lopes começou na Cafundó, o que para ela é como uma família. Fernanda relata que encontrou na quadrilha uma família, não só de amigos, pois ela conheceu o esposo na junina, cujo casamento foi realizado em 2003. A mesma história vivida por Cláudio Maranhão, que conheceu sua esposa na Cafundó em 1995 e, apesar de atualmente estarem separados, o casal e seus três filhos trabalham juntos na quadrilha.

Durante toda a sua trajetória, a Cafundó do Brejo sempre pôde cumprir seu papel, tornando-se instrumento de socialização, resgate e inclusão de jovens, dentro das condições a que se propõe – Artes e Cultura Popular (Portfólio da Cafundó do Brejo).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Destaca-se, portanto, a importância social e cultural da quadrilha. Tanto que o lançamento das apresentações da Cafundó é feito na igreja da comunidade onde ela surgiu. Também observamos a parceria na participação nos ensaios, na ajuda com dificuldades financeiras e pessoais, no comprometimento social advindo com o envolvimento do grupo no seio social em seu entorno, ações estas que tecem relações e sentimentos de pertencimento.

A cada apresentação os quadrilheiros são parte do que a Cafundó leva para o público, todos representam e desempenham uma função, seja atuando como equipe de apoio ou representando a junina, seu bairro, sua cidade, seu estado com o cargo de Rainha, por exemplo.

O companheirismo também precisa estar presente nas dificuldades enfrentadas, por exemplo, para realizar as viagens para apresentações e competições, que nem sempre podem ser custeadas com os recursos arrecadados com apoio cultural e com as festas realizadas. Em 2010 o grupo precisou ir para uma competição em Araguaína, Tocantins, que fica a aproximadamente 379 Km de Palmas. Conseguiram um ônibus e uma van, a van chegou ao destino, o ônibus havia sido cancelado no momento da viagem. Conseguiram dinheiro emprestado para alugar um ônibus, mas o sufoco e a apreensão só foram superados após a alegria da apresentação:

eles chegaram no sábado já 7 horas da noite, não pararam para comer em nenhum lugar, o motorista só fez uma parada para que as meninas pudessem encher um monte de garrafas com água para arrumar o cabelo dentro do ônibus, foi um momento muito difícil e emocionante, pois nesse ano tivemos bons resultados (FERNANDA LOPES. Entrevista concedida em 2017).

Em 2017, a Cafundó do Brejo levou para o Arraiá da Capital a história dos 95 anos do rádio. Foi um espetáculo grandioso apesar de o grupo estar triste depois da perda de dois integrantes. Várias músicas ditavam o rumo da dança e dos passos coreografados e a animação dos integrantes ao se apresentar para o público era contagiante. Do início ao fim foi um misto de emoções para quem estava nas arquibancadas. O espetáculo contou com a colaboração de aproximadamente 145 pessoas. Só no dia da apresentação a junina contou com 32 casais - o que representa 64 dançarinos, 20 pessoas na equipe de apoio, 10 pessoas na banda e mais 6 pessoas no teatro. Tudo isso para apresentar ao público um espetáculo com beleza e profissionalismo.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Considerações Finais

Dinamizar a tradição. É o que o universo das quadrilhas juninas profissionais, ou estilizadas, vem fazendo: resgatando identidades, reelaborando tradições, criando novas identidades, com muito amor à arte e à tradição junina. Muitos acreditam veementemente que as novas “juninas” descaracterizam a cultura popular. Mas entendemos, após esta imersão, que existe muito mais paixão, evolução, alegria, identidade, sentido e comunitarismo em suas histórias. Elas constituem representações performáticas que dão vida a outros aspectos da realidade que ganham forma tanto na simbologia identitária oficial quanto nas trocas e intercâmbios cotidianos dos grupos.

O professor Osvaldo Trigueiro (2005, p. 3) refletiu como as manifestações culturais populares estão carregadas de “emoções e desejos da aproximação da realidade com a ficção criada pela sociedade humana”, articulados no mundo da vida, no cotidiano. São estes desejos que impulsionam as mudanças que grupos muitas vezes esquecidos pelos governos ou discriminados pela sociedade fazem fruir no seu cotidiano, reproduzindo solidariedade, ensejando tempos mais justos, e mais bonitos. Tradição, invenção; herança, novidade. E quem disse que cultura popular tem que ser ter padrão ou ser amadora!

Consideramos as quadrilhas juninas de Palmas, entre elas a Cafundó do Brejo, manifestações autênticas no cenário junino do Tocantins. As quadrilhas mantêm vivas as influências vindas do nordeste em paralelo com a construção e a reelaboração de uma identidade local. Podemos, assim, inferir que trabalham especialmente a identidade brasileira. Embora exista a apropriação desses movimentos pelo poder público ou pela própria mídia, os grupos se mantêm em sua essência, não perdendo seus laços de pertença com a comunidade na qual está inserida, se permitindo transformar para atender às novas formas de mercado.

A História da Cafundó do Brejo nos mostra que as quadrilhas juninas não são só um espetáculo, elas são resultado da dedicação dos quadrilheiros que se esforçam para melhorá-lo a cada ano. Assim, impactam na formação pessoal de seus integrantes, dão visibilidade às comunidades periféricas onde atuam, preservam uma tradição que remonta há séculos, e contribuem para a sedimentação de uma imagem e identidade especialmente em se tratando do Tocantins e de sua jovem capital.

REFERÊNCIAS



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore: invenção e Comunicação**. Aracaju: Typografia Editora/Scortecci Editora, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2004.

BENJAMIM, R. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

JARDIM; E. N.; TAMIOSO, S.; ANJOS, A. C. C.. *O processo de Ancoragem das Festas Juninas no Jornalismo Impresso: Caderno Arte e Vida*. In INTERCOM. 40°. 2017. Curitiba. **Anais eletrônico**. 2017. Curitiba. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1811-1.pdf>>. Acesso em abr. 2017.

JARDIM, E. N.; MARTINS, B. de C., BORGES, N. K. B.; MARINHO, T. B., FRANCO, C. F. M. *Comunicação, lugar e comunitarismo nas Festas Juninas em Tocantinópolis, Tocantins*. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2409-1.pdf>>. Acesso em: abr.2018.

SILVA, V. C. P. **Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em buscado tempo**. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em Scielo Books: <<http://books.scielo.org>>.

MENESES, V. D.; RIBEIRO; C. J. S.. *Reelaboração e invenção nas quadrilhas juninas do Tocantins*. **RIF**. Ponta Grossa. v. 13, n 30, p. 116-134, dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1817/1316>>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **Festa Junina em Portugal: marcas culturais no contexto de folkmarketing**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação: ativismo midiático**. Paraíba: Editora Universitária da UFPB, 2008.

_____. *A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos*. Biblioteca On line de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>>. Acesso em 20 de maio 2017.